

Desdobramentos de um desejo.

Margaret M. Bakos

A vontade de Naunakhte é o título de um interessante artigo publicado¹, em 1945, sobre as instruções de uma mulher que, no Egito antigo, escolhe, entre os seus oito filhos, a quem premiar com a herança de seus pertences.

Muito se escreveu sobre a história do período faraônico e, nessas análises, o documento costuma ser citado como indicativo do papel importante e valorizado da figura materna naquela sociedade.² O documento oferece essa leitura. Ele ainda pode dar conta de outras estratégias e articulações possíveis entre as escolhas das pessoas e a posição social que ocupam, além de apontar para as condições de produção desse e de outros discursos no processo descontínuo de construção das relações de gênero, foco de interesse deste capítulo.

Esse papiro, oriundo da vila de Deir el Medina, revela uma história muito peculiar. Ela informa que é muito comum documentos da Vila mencionarem inúmeras vezes as mesmas pessoas que, em geral, não pertencem à alta posição social. Ao contrário, entre as características mais importantes dessa documentação, está o fato de gravarem com mais frequência, em inscrições hieroglíficas e documentos hieráticos,³ os nomes dos trabalhadores, dos escribas empregados na decoração das Tumbas Reais de Tebas e dos membros de suas famílias. Essas informações possibilitam a obtenção dos vestígios, das rotinas e o conhecimento dos interesses dessas pessoas comuns. É muito raro, entretanto, que o mesmo caso seja relatado várias vezes, como acontece com as vontades de Naunakhte, das quais se possuem quatro papiros. Essas cópias, encontradas em momentos diferentes, vieram de um mesmo lugar: Deir el Medina.⁴ O documento também é peculiar pelo fato de tratar das vontades de uma mulher, acesso, posse e administração de seus bens pessoais.

Deir el Medina é o nome da vila onde viveram os trabalhadores que construíram e decoraram as tumbas dos faraós, dos familiares e da nobreza em um período brilhante do Egito antigo: o novo reino.

Tutmés I (1508-1496 a.C), o terceiro faraó da XVIII dinastia, foi o provável fundador dessa povoação, criada em cerca de 1540 a.C, para abrigar os trabalhadores das necrópoles tebanas e suas famílias. A escolha do local para a tumba do faraó determinou o lugar para a habitação dos operários que iriam construí-la.

¹ CERNY, Jaroslav. The will of Naunakhte and the related documents. *Journal of Egyptian Archaeology*, Londres, 31: 29-53, 1945.

² Le rôle important de l'épouse et de la mère était reconnu par sa place dans la société égyptienne. La femme était l'égale de son époux face à la loi égyptienne. (...) La dame Naunakhte, qui avait déjà hérité d'un premier mariage sans enfant, déshéritait plusieurs enfants de son second mariage, qui se voyaient ainsi refuser le droit de participer au partage du tiers de ses biens matrimoniaux. BIRBRIER, 1982, p.101

³ A partir dos hieróglifos, os egípcios criaram duas outras formas de grafias, mais fáceis e rápidas de serem manuscritas, que chamamos de cursivas. Elas foram denominadas, pelos gregos, de hierática e de demótica, significando, respectivamente, a escrita dos sacerdotes e a do povo. BAKOS, 1986, p.8

⁴ Dois dos documentos foram encontrados pelas escavações do Instituto Francês em Deir el Medina na primavera de 1928; os outros dois apareceram no mercado alguns anos depois e foram comprados pelo Dr. Gardiner. CERNY, op.cit.p.29

Deir el Medina situa-se no alto Egito: em um pequeno e estreito vale, à margem esquerda do Nilo, em frente à cidade de Tebas, a qual se desenvolveu na margem direita do rio, na área compreendida entre os dois santuários de Karnak, ao norte, e Luxor, ao sul, distantes um do outro aproximadamente 4 km.

Deir el Medina durou cerca de 450 anos, período que abarca a XIX e a XX dinastia. Do período de Ramsés III (1188-1157 aC), no início da XX dinastia, cerca de 1198 aC, resta um censo, o qual revelou a presença de 120 lares e de cerca de 1200 habitantes na vila. O período de maior prosperidade do vilarejo foi durante a XIX dinastia. A partir daí, a vila foi sendo paulatinamente abandonada, devido à situação de instabilidade criada pelo enfraquecimento do poder faraônico.

As fontes para estudar o cotidiano dos operários, em Deir el Medina, são diversas, ricas e incontáveis. Poucos sítios arqueológicos do Egito antigo permitem uma evocação visual tão clara, na atualidade, e legaram registros tão minuciosos da vida privada, em época tão longínqua, quanto essa vila.

A comunidade de Deir el Medina possuía a sua própria corte de justiça, conhecida pelo nome de *kenbet*, com a incumbência de resolver as diferenças entre os seus membros. O tribunal era composto por funcionários, contramestres, escribas e trabalhadores comuns que podiam ser chamados a cooperar por questão de antigüidade ou pelo respeito que inspiravam. As sessões se desenvolviam provavelmente nos dias de repouso dos trabalhadores ou, em certos casos, à noite.⁵ A corte estava habilitada a decidir sobre controvérsias civis e a se pronunciar sobre as criminais. Os casos mais graves, nessa instância, como injúrias capitais, eram levados à corte do vizir, em Tebas. A corte tinha ainda a função notarial de registro das divisões de propriedades. É pouco provável que ela arquivasse essas averbações e suas decisões judiciais. Os processos provavelmente deviam ser conservados pelas partes interessadas que os apresentariam em caso de necessidade.

A vontade de Naunakhete, cujo nome significa - *Tebas está vitoriosa* - inicia com a data de sua redação: ano 3, quarto mês da Estação da Inundação, de Sua Majestade o Rei do Alto e Baixo Egito, o Senhor das Duas Terras, Ramsés V⁶, a quem na saudação inicial é desejada vida eterna. A seguir, segue-se a exposição do texto que trata das disposições sobre o destino a ser dado às propriedades, feita pela cidadã, perante uma corte composta por 14 homens. Era uma corte pequena, explica Cerny, talvez devido ao caráter particular do assunto. Todos os membros são citados nominalmente e discriminadas as respectivas atividades que exercem. O discurso informa, assim, sobre a possibilidade de participação no tribunal de todas as categorias de trabalhadores de Deir el Medina, desde escribas, desenhistas, funcionários até operários não especializados.⁷

⁵ A principal atividades dos trabalhadores de Deir el Medina era construir as tumbas dos faraós. O Vale dos Reis foi considerado, no decorrer da XVIII dinastia, como o lugar de repouso obrigatório da monarquia, assim as rainhas e os príncipes também eram enterrados nesta área. Os trabalhadores têm um dia de repouso, na Vila, a cada dez jornadas em tendas, junto às tumbas. Para compensar essa rotina fatigante, há uma série de dias de folga para festas religiosas, que são inúmeras no decorrer do ano.

⁶ Mencionado como um usurpador do trono, ele pode ter sido o irmão de Ramessés IV, mas não o próximo na linha sucessória como ele foi deposto pelo herdeiro de direito seu irmão Ramessés VI, que também usurpou sua tumba no Vale dos Reis.

⁷ Formava o grupo as seguintes pessoas: O operário chefe Nekhmmut, o desenhista Pentewere, o operário chefe Ankerkew, o operário Usihe, o escriba da tumba do rei Amennakht. O operário Nebnufe, o escriba

A fala apresentada, no tribunal, enuncia a posição social de Naunakhet e é expressa de forma objetiva:

Eu sou uma mulher livre da terra do Faraó. Eu criei oito servos seus, dei-lhes vestimentas e toda sorte de coisas que são normalmente feitas para pessoas de sua posição social. Mas olhe, eu envelheci, e olhe, eles não estão cuidando de mim na minha vez. Quem deles tenha me ajudado, a ele eu darei meus bens, mas quem não tem me dado nada, para ele eu não darei meus bens.

A seguir, Naunakhte indica para herdeiros três filhos homens, nomeados como trabalhadores, simplesmente. A um deles, ela diz que dará um prêmio especial: uma tigela de bronze. Ela também aponta uma filha, a quem ela dará alguns pertences. A seguir, Naunakhte elabora uma nova lista onde constam os nomes dos quatro filhos restantes, nomeados como um trabalhador e três cidadãs que não vão participar da divisão de 1/3 de seus bens pessoais e, sim, apenas dos 2/3 do pai deles.

O escriba da tumba – Amennakht – endossa esse desejo, como segue:

Lista de trabalhadores e mulheres para quem ela concede coisas:

O trabalhador Maaynakhtef,

O trabalhador Kenihikhopshef.⁸ Ela disse: Eu dou a ele um prêmio especial (?) tigela de bronze⁹;

O trabalhador Amennakht;

A cidadã Wosnakhte;

À cidadã Manenakhte ela disse que daria sua parte em todas as suas propriedades, exceto a porção de cereais e de banha que os três filhos homens e também a cidadã Wosnakhte tinham lhe dado.

Lista de seus filhos sobre os quais ela disse:

- Eles não vão participar na divisão do meu 1/3, mas nos 2/3 do seu pai¹⁰ eles vão participar:

O trabalhador Neferhotp;

A cidadã Manenakte;

A cidadã Henshene;

A cidadã Khanub;

Esses quatro filhos meus, eles (não) participarão na divisão de qualquer das minhas propriedades. E também não das propriedades do escriba Kenhikhopshef¹¹, meu

Harshire, o operário Amenepha'pi, o desenhista Amenhotep, o oficial do distrito Amennakht, o operário Telmont, o oficial do distrito Ramose, o operário To, o operário Nehnufe. In.CERNY, 1945:31

⁸ Cerny entende que a escolha do nome do primeiro marido para o seu filho, que aparece como o favorito, é uma prova de apreço.

⁹ Na XX dinastia, o bronze e o cobre eram os únicos metais em circulação. O ouro e a prata eram quase desconhecidos.

¹⁰ Nessa época, se os casais decidiam formar um pecúlio comum, o marido contribuía com 2/3 e a mulher com 1/3

¹¹ Segundo informa Cerny, *Kenhikhopshef* é o escriba da Tumba a partir da segunda metade do reinado de Ramsés II e durante o período de Merenptah e também ao longo dos curtos períodos dos sucessores.

marido, e também não das terras e do celeiro de meu pai e também não dos cereais que eu acumulei com o meu marido. E esses oito filhos meus participarão da partilha de propriedades de seu pai em uma divisão apenas.

Quanto ao meu caldeirão que eu dei a ele para aquisição de pão e outros objetos devem permanecer para seu serviço como o que lhe cabe na partilha. Ele não vai participar da divisão de nenhum objeto de cobre, isto vai pertencer a seus irmãos¹² (e irmãs).¹³

Como essa liberdade de expressão de Naunakhte foi socialmente construída? Esse evento só se tornou compreensível porque foi encontrado junto às declarações de Naunakhte, um registro que evidencia uma querela familiar em torno dessas vontades. O discurso revela o grau de insatisfação que o desejo de Naunakhte provocou junto aos familiares.

A contestação das vontades de Naunakhte está registrada com a data do ano 4, do terceiro mês da inundação, dia 17. Nesse dia, o trabalhador Khaemnun e seus filhos se apresentaram à corte dizendo: *Assim como escreveu a cidadã Naunakhte com relação aos seus bens, assim deve ser executado exatamente como ela desejou. O trabalhador Neferhotp não vai participar nele.* Ele fez um juramento para o Senhor dizendo que *Se ele reverter seu compromisso e contestar novamente, então ele será sujeito a receber 100 chibatadas e a ser privado de suas propriedades*

Duas coisas chamam a atenção no documento. A primeira refere-se às testemunhas do fato: o trabalhador Khew, o chefe dos trabalhadores Nekhemmut, o Escriba da Tumba Harshire, o funcionário do distrito Ra'amose e Pentwere, filho de Nakhtmim, autoridades local e regionalmente muito expressivas. A segunda é quanto à dupla penalidade prevista, a evidenciar jogo de poderes presentes nas relações familiares. A pena aparece em outras circunstâncias como aquela vivenciada nessa mesma vila, na seguinte trama: um pai – Telmont - exige que o trabalhador – Nekhmur - que pretende casar com sua filha, faça um juramento de que não irá abandoná-la. E o juramento foi feito pelo trabalhador e registrado:

Assim como Amon vive e o governante vive, se eu um dia desertar da filha de Telmont, eu serei sujeito a uma centena de chicotadas e eu perderei tudo o que adquiri juntamente com ela. (BAKOS, 1996:158)

A partir do comprometimento do marido e dos descendentes de Naunakhte de deter as atitudes contestatórias do filho - o trabalhador Neferhotp, e depois de uma investigação minuciosa, Cerny termina por entender como o acontecimento emerge, naquele contexto. Ele verifica que Naunakhte fora casada duas vezes e que os filhos nomeados no testamento não eram do escriba Kenhikhopshef, o primeiro marido. Eles tinham nascido da união com o trabalhador Khaemnun, o segundo esposo. Uma vez entendida a questão da paternidade, fica esclarecida a situação. Como a maior parte dos bens de que Naunakhte dispunha advieram-lhe da morte do marido escriba, ela o repassava apenas aos filhos que a

¹² Cerny diz que não é explicado como Khaemnun, sendo um homem pobre, conseguiu os 2/3 para o pecúlio inicial. A menção dos seus irmãos é a única feita com relação à família dele.

¹³ A tradução aqui apresentada é livre e omite alguns objetos específicos doados, discriminados no documento original.

agraciaram com carinho, trabalho e comida. Aos demais, ela dispensara um tratamento severo, com o corte de benefícios materiais e ausência de indulgência. Essa decisão afeta a Khaemnun e alguns dos filhos, fato que gera descontentamento e tentativa de reverter o desejo expresso de Naunakhte.

As quatro cópias do papiro disponíveis, são analisadas e divididas por Cerny em A - Documento I, B - Documento II - III e C - Documento IV. O Documento I está contido em dois rolos, que, segundo ele, foram cortados, provavelmente por dois nativos, na esperança de vender melhor cada uma das partes, em lugar de um rolo intacto. Unidos, posteriormente, esses pedaços, ao contrário de outros documentos perdidos e/ou danificados com essa prática, formam um papiro de 43 cm de largura por 1.92 cm de comprimento. O escriba, ou melhor, os escribas, trabalham com generoso descaso pelo espaço, deixando muitos vazios no início do texto e nas laterais. A diferença na escrita entre as duas partes do texto, explica Cerny, é óbvia e pode ser facilmente notada pela comparação dos sinais e dos grupos. (CERNY, 1945:30)

Os documentos II e III são duas pequenas folhas de papiro encontradas na necrópolis de Deir el Medina. Em qualidade, os papiros diferem consideravelmente: o III é fino e apresenta uma cor avermelhada, enquanto o segundo é grosso, espesso, e escurecido por numerosos traços de antigas escritas que foram mal lavadas. O III documento é também um palimpsesto, ou seja, um material usado, pela sua escassez, duas ou três vezes. Os textos não foram escritos pela mesma pessoa, explica Cerny, porque a grafia do II é grande, grossa e descuidada na forma, enquanto a do III é menor e caprichosa. No conteúdo, conforme Cerny, os papiros divergem pouco. Ele ainda informa que outros inúmeros documentos foram encontrados no mesmo sítio, de cartas completas e fragmentadas até uma considerável porção de texto literário conhecido como as Máximas de Ani.

Essas instruções têm duas características peculiares, conforme explica Lichteim, que as diferenciam das instruções de outros períodos. A primeira é que o autor se apresenta como um homem comum, fazendo-se entender e agradando aos que têm apenas algumas posses e educação mediana; a segunda peculiaridade encontra-se no epílogo, em que o filho, em lugar de agradecer humildemente a lição recebida, como ocorria nas instruções anteriores, faz objeção não apenas ao sentido da instrução, como também às possibilidades pessoais de obedecer ao que lhe fora ensinado. Dessa forma, o autor introduziu uma nova dimensão de interpretação às instruções: o pensamento de que o impacto da instrução poderia fracassar, pois a capacidade de educar tem seus limites (LICHTHEIM, 1976:135).

As Instruções de Any referem muitas vezes a relação entre homens e mulheres, para cujo sucesso o escriba faz quatro recomendações básicas: que um homem tome uma mulher, enquanto é jovem; que não a controle em casa quando sabe que ela é eficiente; que evite mulheres estranhas, que aparecem na cidade. Finalmente, salienta-se o conselho mais importante, para este artigo, até mesmo pelas circunstâncias de essas instruções terem sido encontradas com uma das cópias das vontades de Naunakhte: é o tipo de tratamento que ele reserva à mulher, por parte dos filhos, porque ela os sustentou em uma canga, amamentou até os três anos, limpou os seus excrementos quando eram nojentos, alimentou-os quando eram estudantes. A retribuição dos filhos vai evitar, segundo Any, que a mãe chore e /ou amaldiçoe a sua prole. A vontade de Naunakhte e o texto de Any apresentam um exemplo de punição exemplar, quando uma mulher não é valorizada na condição materna. Talvez seja essa mensagem que esclareça a existência do primeiro texto, em suas várias cópias, e

das Instruções de Any, como um discurso de cunho moral para cópia e memorização dos escribas em seu longo processo de formação profissional.

O documento IV, o último a emergir, é formado por uma simples folha de papiro de 20 a 21 cm de altura e 43 cm de largura. O texto de nove linhas está escrito sobre antiga redação apagada com muito capricho, segundo Cerny, e intitula-se: *As duas destituições de Khaemnun*. O texto, a exemplo dos anteriores, foi escrito por dois escribas diferentes: o primeiro, com boa caligrafia, era caprichoso e o segundo, descuidado e capaz de produzir erros de toda a sorte. Em síntese, trata-se da questiúncula já referida do operário, Khaemnun, perante a corte

Em seus comentários sobre os papiros, Cerny informa que os negócios e as pessoas conectados com o caso de Naunakhte, ao longo do processo, conduzem ao reino de um faraó pouco conhecido da XX dinastia¹⁴, que se acredita ter sido o segundo sucessor de Ramsés III e que reinou apenas dois anos. Trata-se de um tipo de documento de excepcional originalidade, porque há somente dois outros testamentos, além desse, datado do Novo Reino¹⁵

O testamento de Naunakhte segue o modelo dos documentos legais egípcios: consiste de um depoimento oral feito por um grupo perante uma corte e/ou testemunhos, e escritos por um escriba profissional. Assim, explica Cerny, o que dá legalidade ao documento não é apenas a palavra escrita e, sim, todo o evento narrado e grafado em um papiro ou ostraca.

O caso de Naunakhte também é importante, porque mulheres são raramente mencionadas em ostracas e papiros da necrópolis. A maioria desses textos tratam do trabalho dos artesões e dos suprimentos, assuntos extrafamiliares. Entre os homens, deve-se considerar a presença de muitos membros do pessoal de serviço da comunidade: carregadores de água, lenhadores, pescadores, homens que lavam roupa, porteiros, guardas, policiais e funcionários. Essas pessoas não pertenciam à população da Vila no sentido estrito e não se pode saber muito sobre suas mulheres e filhas. De fato, o único tipo de ostraca em que as mulheres figuram são textos privados: cartas, recibos de vendas e transações de crédito, ações judiciais, especialmente aquelas relativas a heranças, oráculos, etc (JANSSEN, J., 1997:55)

Percebe-se, em alguns discursos, a preocupação sobre a continuidade das uniões entre os homens e as mulheres, o receio sobre a possível separação deles, o que, além da ruptura dos laços afetivos, causa perdas materiais. Isso pode ser entendido através de uma carta de uma *senhora da casa*, expressão que indica uma mulher casada, denominada de Takhentyshepse, dirigida a sua irmã Tye. Pela leitura do documento, entende-se que Merymaat, marido da missivista, estava ameaçando divorciar-se dela e, mais grave ainda, expulsá-la do lar. A razão para isso, segundo a *senhora da casa*, era que Merymaat estava muito irritado com a porção de cereais, com que ela estava ajudando a mãe dela e de Tye. (BAKOS, 2001:147)

¹⁴ Neb Maat Re mery Amen – filho de Ramesses III. Sua mãe era Isis. Embora sua residência real esteja agora estabelecida no Delta, os reis ainda eram enterrados em Tebas. A magnífica tumba deste rei foi usurpada de Ramsés V. Sua múmia foi encontrada na tumba de Amenhotep II.

¹⁵ Segundo Cerny: Stela of Senimose *Urk* IV, 1065-70 (temp. Tuthmosis III) and O. Der el-Medinah Cat. 108 (do Reino de Seth I), op.cit.:42.

Uma das razões para os homens, mais que as mulheres, aparecerem na vida pública é que cabia aos filhos a execução dos rituais funerários. Se uma filha casasse, era normal que ela saísse de casa para viver com o marido, mas um filho, mesmo casado, era mais comum permanecer na propriedade que ele tinha herdado do pai, e então estar à disposição para fazer as oferendas na tumba paterna. Mulheres eram algumas vezes encarregadas como sacerdotes mortuários, mas talvez apenas nos casos em que não havia filho para tomar essa função. (WATTERSON, B, 1991, 37)

O discurso sobre o filho como arrimo da família é o recorrente. Um exemplo disso data da XII dinastia: trata-se da ação de transferência com a qual um homem denominado Mery, filho de Inyotef, afasta-se do cargo em favor de seu filho; Iuseneb:

Eu transfiro meu ofício (...) para meu filho, Iuseneb, na condição de ele me sustentar na minha velhice, porque eu tenho me tornado enfermo. Que ele seja apontado imediatamente.

No Novo Reino, como nos períodos anteriores, há evidências de que as mulheres podem herdar propriedades, porque, sob circunstâncias normais, todas as crianças homens e mulheres, herdavam coisas igualmente de seus parentes. Entretanto, somente um filho pode esperar a continuação de funções de seu pai. (ROBINS, G. 1993:132)

Cerny realizou extraordinária pesquisa nesse sentido sobre a família do escriba Ipuuy, a partir da descoberta de um grafite, encontrado em uma rocha, na vila. O autor desse registro inusitado chama-se Dhutmose, um escriba real, que, dessa forma, indicava os familiares que o tinham precedido na função:

Seu bisavô – o escriba real – Amennakht
 Seu avô – o escriba real – Harshire
 Seu pai – o escriba real – Kha'emhedje

No ano 16 da indicação de Amennakht como escriba, começava o reinado de Ramsés III (1188-1157 a.C.). Amennakht teve nove filhos. Todos foram, em várias ocasiões, designados como escribas, mas somente um se tornou o Escriba da Tumba e sucessor do pai: chamava-se Harshire e era, provavelmente, o mais velho de todos os irmãos.¹⁶ Os dois primeiros escribas dessa dinastia – Amennakht e Harshire¹⁷ integraram o processo de Naunakhte. Provavelmente essa corte local, perante a qual ela fizera declaração, conhecia bem sua história de vida porque o primeiro marido – Kenhikhopshef - fora escriba também. Além disso, todos os demais membros da corte, composta de quatorze pessoas, eram empregados no trabalho da tumba do rei.

¹⁶ Para melhor situar este período anexamos uma cronologia dos reinados dos Ramsés no período do processo de Naunakhte:

XX Dinastia

Ramsés III 1188-1157 a.C.

Ramsés IV 1157-1151 a.C.

Ramsés V 1151-1138 a.C.

Ramsés VI 1146-1138 a.C.

¹⁷ É certo que Harshire é mencionado regularmente entre os anos 23 de Ramsés III e o 2 de Ramsés IV.

O primeiro marido de Naunakhte, segundo Cerny, foi escriba a partir da segunda metade do reinado de Ramsés II (1279-1213 aC), de Merenptah (1213-1203 aC) e no decorrer dos curtos reinados dos sucessores¹⁸. É possível que ele não tenha vivido até o início do reinado de Ramsés III, explica Cerny, porque um homem de sua importância teria sido mencionado na documentação do período. A própria Naunakhte era idosa no momento da redação de suas vontades e, por isso, tinha queixas relativas ao fato de ter dado a eles, além do sustento em pequenos, o equipamento necessário para fundarem suas próprias famílias.

Seguindo outras fontes documentais, Cerny conseguiu descobrir que o filho e o neto de Dhutmose também se tornaram escribas reais, posteriormente denominados Butehamun e Ankhefenamun. Jaroslav Cerny concluiu que eles formavam, no total, uma família de seis escribas, em uma linha direta de descendência.

Os eventos mais dramáticos da carreira de Amennakht foram provavelmente as diversas greves do ano 29 de Ramsés III. Ele precisava conseguir as rações de cereais para Deir el Medina e distribuí-las na hora e na quantidade exata. Existem registros de que, em uma ocasião, quando os cereais demoraram vinte dias para chegar à vila Deir el Medina, ele precisou se socorrer das reservas do Templo de Horemheb, nas proximidades de Deir el Medina. Tais remanejamentos nem sempre eram possíveis, pois o controle sobre a distribuição dos alimentos era minucioso: todos deviam ser pesados com uma medida especial, em que estava a inscrição de uso em hierático: *Autorizado pelo escriba Amennakht*.

Sobre a posição da mulher na Vila de Deir el Medina, é possível, pondera Tyldesley, que, nesse local, com alta taxa de concentração de pessoas educadas como desenhistas, escultores e artistas com suas famílias, o grau de escolaridade fosse maior que nas comunidades dedicadas à agricultura onde raros seriam os camponeses, homens e mulheres, com capacidade para ler e escrever. Poucas mulheres, entretanto, que recebiam uma educação primária seriam capazes de seguir carreiras profissionais. Isto não se devia, explica a autora, à existência de uma proibição para as mulheres ocuparem postos influentes. Na verdade, nada nesse sentido foi encontrado. O fato pode indicar, segundo ela, que a mulher se envolveria tanto nos afazeres domésticos que dificilmente poderia ingressar na formação e no processo de uma carreira de trabalho de tempo integral. Além disso, uma mulher recebia o status do marido na comunidade e não tinha necessidade de trabalhar para ganhos pessoais. (TYLDESLEY, 1994:121)

A autora salienta a existência de discursos de que as mulheres deveriam apoiar os maridos em suas carreiras profissionais, e o fato de, eventualmente, elas precisarem atuar como seus representantes em determinados momentos. Um exemplo evidenciado por Tyldesley dessa situação é expresso em uma carta do Novo Reino enviada ao escriba da necrópolis – Esamenope – pela sua mulher Henuttawi – relatando que, na ausência dele e por seu formal pedido, tinha supervisionado a chegada de dois barcos de cereais para pagar as rações mensais dos trabalhadores de Deir el Medina. Infelizmente, quando os barcos foram descarregados, constatou-se que faltavam sacos de cereais, e Henuttawi, pessoalmente, admoestou os marinheiros e chegou a propor que a investigação do caso fosse adiante, um vez que alguém havia mexido na carga durante a viagem. A autora

¹⁸ Sucessores de Merenptah da XIX dinastia:

Siptah 1197-1192 aC

Tausert 1192-1190 aC

Setnakhte 1190-1188 aC

conclui que, embora fosse mais comum para um filho tomar o papel de Esamenope, ninguém questionou o direito de Henuttawi de agir oficialmente em nome do marido, e de sua capacidade para conduzir o caso, que parece ter sido efetivamente aceita por todos.

A importância do cargo que os escribas e/ou suas famílias ocupavam e o fato de morarem dentro da vila, não os poupavam de sofrerem acusações pessoais. A casa do escriba Amennakht, por exemplo, constava na lista das habitações a serem vasculhadas na busca de um ladrão, num oráculo de Amenófis I, porque uma de suas filhas fora acusada de furto, após uma queixa apresentada pelo operário Kaha.

O furto em Deir el Medina era considerado uma falta grave. Um processo memorável está registrado em uma ostraca da XIX dinastia – no ano 6 de Seth II (1203-1197 aC), quando o trabalhador Nebnufer, filho de Nakhy, apresenta-se perante a corte e acusa uma mulher – Heria - de furtar um objeto de cobre que ele havia escondido na sua casa. Ele não explica por que o objeto fora enterrado, mas segundo Bierbrier, essa prática pode ser uma precaução, pois em Tebas se travava uma guerra civil entre os defensores de dois faraós rivais.¹⁹ Nakhy havia provavelmente saído da vila durante o conturbado período e, no seu retorno, o objeto tinha desaparecido. Ele interroga diferentes membros da comunidade e acusa em definitivo Heria de furto. A corte interroga, então, Heria:

Você roubou o instrumento de Nebnufer? Verdadeiro ou errôneo. Héria respondeu: Não, eu não roubei. O tribunal perguntou em seguida: Você pode jurar perante o Senhor que não roubou?

Ela imediatamente jurou para Amon. Nesse caso, segundo Bierbrier, a corte não se contenta com a palavra de Héria, e manda um trabalhador vasculhar sua casa. Ele descobriu o objeto em questão e, mais ainda, o equipamento de ritual roubado de um templo da comunidade. A corte decide que Héria merece a pena capital, mas o tribunal não tem poderes para mandar executar a sentença. O caso foi mandado para o Vizir, embora não se saiba, conforme Bierbrier, o que aconteceu com Héria. A ostraca menciona como um caso precedente a sorte que foi reservada a uma outra ladra no reinado de Ramsés II. A mulher Tanedjemhemes, esposa do trabalhador Pashed, filho de Heh, foi declarada culpada de roubar um vaso: O Vizir chamou o escriba Hatiay para conduzir a ré à margem do rio. Segundo o egiptólogo, o significado dessa última frase é ambíguo, mas é provável que seja a condução da acusada à outra margem do Nilo, à corte do vizir de Tebas, de onde ela não retorna mais.

Há, em alguns processos sobre os operários, menções a mulheres que, embora filhas e esposas de trabalhadores, se envolvem com outros homens. É o caso específico de Tuy, esposa de Kenna, acusada de envolvimento com Paneb, que era um trabalhador qualificado para uma posição chefia, Paneb foi indiciado por uma série de delitos, entre eles, relacionamento sexual com mulheres alheias, pilhagem de tumbas reais, uso para fins privados do equipamento do governo, emprego dos trabalhadores para fins pessoais e comportamento tirânico segundo os membros da comunidade, principalmente com suas mulheres.

O documento, a seguir, relata como o trabalhador Horemwia registra o respeito que tem ao uso de uma propriedade real e o apoio que oferece à filha, cuja situação pessoal parece ser de dependência do marido:

¹⁹ O faraó rival era Amnmesse (1202-1199) que parece ter sido filho de Takhare, filha de Ramsés, que, embora sem direito, usurpou ao trono e reinou ao mesmo tempo que Seth II.

Você é minha boa filha. Se o trabalhador Baki lhe jogar fora de casa, eu tomarei uma atitude! Quanto à casa, esta é a que pertence ao (?) faraó (...), mas você pode habitar na ante-sala do meu depósito porque fui eu quem a construiu. Ninguém no mundo pode tirar você daqui.

O neto de Harshire – também Escriba da Tumba – Dhutmose -, com a preocupação em registrar seus ancestrais, deixou ainda dados importantes sobre a questão das relações familiares e de gênero em Deir el Medina, através da correspondência que ele enviou a amigos e companheiros de ofício, sempre que se ausentava da vila. Nelas, invariavelmente, solicitava que cuidassem de Hemesheri, sua segunda esposa, com quem tivera uma filha, e da esposa de seu filho Butehamun, bem como dos dois netos, por parte deles.

Tais cartas foram enviadas de lugares diversos, como Heracleópolis, Hermópolis, Elefantina e Núbia. É extremamente carinhosa a forma como eles se comunicavam entre si. Dhutmose lamentava-se por não ter Hemesheri junto dele. Seus queridos também se preocupavam com a segurança dele, especialmente quando estava na Núbia, onde havia lutas e, por isso, aconselhavam-no a ficar longe dos campos de batalha. Dhutmose, que não gostava de viajar, embora precisasse por ofício para levar alimentos e armas para a Núbia, costumava rezar, no tempo em que estava fora de Deir el Medina, e fazer oferendas aos deuses locais.

Existem respostas que ele recebeu de Butehamun, o filho, Hemesheri, a esposa, e Shedmdua, a nora, e vale citar uma carta, em especial, que ele recebeu do cantor Pentahures, endereçada à compositora de canções –Hemesheri – e à cantora de Amon²⁰ – Shemdua:

Em vida, prosperidade e saúde em favor de Amon-Ra, Rei dos deuses! Todo o dia eu estou pedindo a Amon-Re-Harakhti quando ele sobe e todos os deuses e todas as deusas por quem eu passo para manter vocês vivos, (...) mantê-los salvos, mantê-los com saúde, e permita-nos retornar vivos e dar meu abraço.(...)

Uma consideração final sobre os desdobramentos do desejo de Naunakhte se impõe e versa sobre sua auto-apresentação – *uma mulher livre que dispõe de seus pertences*. É importante chamar a atenção para o grau de força e de singularidade desse discurso, naquela sociedade. Nesse sentido, dá-se importância aos referenciais do contexto da produção do discurso que, pelo menos, tangencia as condições específicas de Naunakhte. Ela é viúva de um homem importante, de Deir el Medina, uma comunidade muito pequena, onde todos se conhecem. As relações familiares dessas pessoas têm uma importância muito grande, como referencial de status, principalmente quando isso significa um envolvimento

²⁰ “Esposas de sacerdotes dos templos tinham funções nos rituais correspondentes ao sua alta posição social. Famílias de sacerdotes não eram em geral de origem nobre, embora alguns príncipes tenham se tornado sacerdotes. Os servos os deuses como eram conhecidos, se eles trabalhavam nos mais importantes templos, recebiam benefícios materiais e gozavam de muito prestígio junto à comunidade. No Novo Reino algumas fontes mencionam as Concubinas de Amon Re. Era o mais alto posto que pertencia a mulher do Alto Sacerdote do Rei dos Deuses em Karnak. Mulheres dos sacerdotes de postos inferiores no mesmo templo, recebiam o título de Cantoras de Amon e eram semelhantes às outras sacerdotizas musicas que eram coletivamente conhecidas como Concubinas de Amon.(LESKO,1987,20)

com a hereditariedade de funções básicas para o grupo, caso dos escribas, o que conduz a uma posição social privilegiada também em nível econômico.

Bibliografia

BAKOS, M. Relações familiares em Deir el Medina, *Phoînix*, Rio de Janeiro, Ano I pp.153-169,1995.

-----*Fatos e mitos do Antigo Egito*. 2^a ed. Porto Alegre: EDIPUC,2001.

.....

.....*O que são os hieroglifos*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

.....& BARRIOS, A. *O povo da esfinge*. Porto Alegre: Ed. da Universidade UFRGS, 1999.

BIERBRIER, M. *La confrérie des bâtisseurs de pharaon*. Paris: Éditions du Rocher, 1982

CERNY, Y. The Will of Naunakhte and the related documents. *Journal of Egyptian Archaeology*, Londres,31:29-35, 1945.

JANSSEN, J. *Village Varia*. Leiden: Nederlands Instituut Het Nabije Oosten, 1997.

LESKO, B. *The remarkable women of Ancient Egypt*, Warwick: Wolf Lithograph, 1987.

LEVI, G. Les usages de les biographies. *Annales ESC*, Novembre-décembre, 1989, pp.1325-1336.

LICHTHEIM, M. *Ancient Egyptian Literature*. Berkeley: University of California Press, 1974.

TYLDESLEY, J. *Daughters of Isis*. London: Penguin, 1994.

TOSI, M. & ROCCATI. *A Stele e altre epigrafie di Deir el Medina*. Torino: Ed. Dárte Fratelli Pozzo, 1972

WATTERSON, B. *Women in ancient Egypt*. New York: St. Martin Press, 1991.